

ICONOGRAFIA RELIGIOSA DAS IGREJAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO

Alunos: Ana Salac e Ana Helena da Fonseca

Orientador: Alberto Cipiniuk

Introdução

Por intermédio da análise do simbolismo das imagens pertencentes às igrejas históricas do Rio de Janeiro pretende-se comprovar que a dimensão técnica ou estética das imagens não se define sem o que lhe é complementar, isto é, o universo simbólico, que lhes dá sentido e significação, ou seja, sua dimensão semântica. O trabalho dos bolsistas consiste na identificação, coleta, análise, observação e interpretação das imagens, além da associação dessas imagens ao sentido eclesiástico, histórico e folclórico. Ao final desse trabalho, os bolsistas estarão capacitados a fazer uma análise crítica mais apurada das imagens e símbolos, tornando-se capazes de realizar uma interpretação dos mesmos, que é fundamental para a profissão de designer.

Objetivos

A partir de fotografias obtidas nas igrejas Nossa Senhora da Candelária, Capela de Santa Bárbara, Capela de São Lourenço dos Índios, Igreja N. S. da Pena, Igreja de Nossa Senhora de Penha, Igreja São Francisco de Paula, Capela São Gonçalo do Amarante, Igreja N. S. de Montserrat, Igreja Santo Antônio da Bica, Igreja Nossa Senhora da Saúde, Igreja da Lapa dos Mercadores, Igreja de São José, Igreja de Santa Rita, Mosteiro de São Bento e Igreja de Santo Antônio, realizou-se a identificação das imagens, pinturas, afrescos e adornos, para interpretação, tanto formal quanto simbólica, através da bibliografia estabelecida pelo orientador. Além disso, pretende-se transformar essas fotografias em desenhos por considerarmos essa forma de representação gráfica mais descritiva do que a primeira. Por fim, temos como objetivo fazer com essa pesquisa um livro; que possa servir como guia para os visitantes das igrejas do Rio de Janeiro, já que constatamos que em nenhuma delas há um tipo de publicação similar.

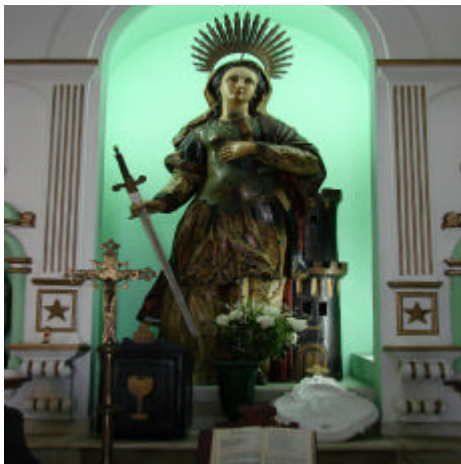
Metodologia

A primeira etapa da pesquisa consistiu em fazer contato com as Igrejas, identificar as imagens a serem fotografadas e realizar visitas para a captação das imagens. A partir do material fotográfico obtido, selecionamos as melhores imagens para posterior análise e interpretação de seu sentido simbólico de acordo com os objetivos dessa pesquisa. Assim, elas foram estudadas através de consultas em bibliografia especializada, tais como dicionários hagiográficos e glossários de iconografia religiosa. Além disso, uma das fontes que está sendo utilizada para leitura e discussão nesta fase da pesquisa é o livro *“Todos os santos são bem vindos”*, de Monique Augras¹. A segunda etapa da pesquisa, isto é, a interpretação da imagem, vem sendo realizada em conjunto com a participação do professor orientador. Nela, é feita tanto uma análise do valor imaterial da imagem quanto do aspecto formal da mesma. A análise dessas duas dimensões é necessária para que possamos compreender o processo pelo qual a imagem acaba por se tornar uma espécie de duplo ou simulacro do próprio santo, muito comum no imaginário popular.

¹ AUGRAS, Monique. **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

A terceira etapa do trabalho, que está acontecendo de acordo com o andamento da segunda, consiste na passagem da fotografia para o desenho, pois a parte da pesquisa que trata desse assunto se justifica por duas razões básicas: i) consideramos que comparados o desenho e a fotografia, o desenho como meio expressivo funciona melhor do ponto de vista gráfico e ii) que os desenhos contêm mais dados informativos para a descrição da imagem. Em relação à dimensão gráfica, o desenho destaca a figura do seu fundo, define a figura com maior quantidade de informação gráfica e como consequência oferece mais elementos à percepção visual. Considera-se que "ver" é diferente de "perceber", pois se entende que a percepção é um ato voluntário e se estabelece a partir da definição dos códigos culturais em vigor. Vemos muitas coisas, mas só percebemos umas poucas, àquelas que nos dão respeito, as que participam de nosso universo simbólico, as que foram arbitradas para serem percebidas. Assim, do ponto de vista informacional, a imagem desenhada, em sua condição de participar daquilo que é tacitamente aceito, posto que é acordo ou convenção, é mais direta, pois o observador já detém o código de interpretação visual e não é convidado, como ocorre quando observa uma fotografia, a divagar o seu olhar pelas sombras (claro e escuro), pelas cores ou texturas. O sistema de comunicação contido na linguagem fotográfica, normalmente é interpretado como se a imagem fosse tridimensional, como se fosse uma espécie de duplo ou equivalente, da coisa representada, mas em realidade, ela é bidimensional e contrariamente ao que muitos supõem, não empresta, à percepção mais elementos de distinção que o desenho, que é pura convenção. Poderíamos considerar que para nossa cultura a fotografia possui um sentido denotativo muito mais abrangente do que o desenho.

Embora a fotografia tenha também uma grande capacidade informacional para a representação das coisas do mundo, para efeito dessa pesquisa consideramos que o desenho é mais objetivo e essa objetividade se dá por conta do contorno linear (a linha pura), a qual retrata separadamente ou delinea os detalhes que mais reputamos aqueles que desejamos pôr em evidência. Os elementos de constituição da imagem formam, em conjunto, um potencial semântico, onde cada marca, textura, cor, linha, espessura não pode ser isoladamente analisado. Esses elementos só fazem sentido de acordo com suas relações internas no sistema. Do mesmo modo, lembramos que o objetivo da pesquisa é a produção de uma publicação para fins de natureza didática, isto é, dirigida ou orientada para fins específicos. Nesse sentido a representação das imagens pelo desenho parece ser indicada



Exemplo do desenho da imagem de Santa Bárbara, feito a partir da fotografia tirada na Capela de Santa Bárbara, localizada na Fortaleza de Santa Cruz em Niterói.